

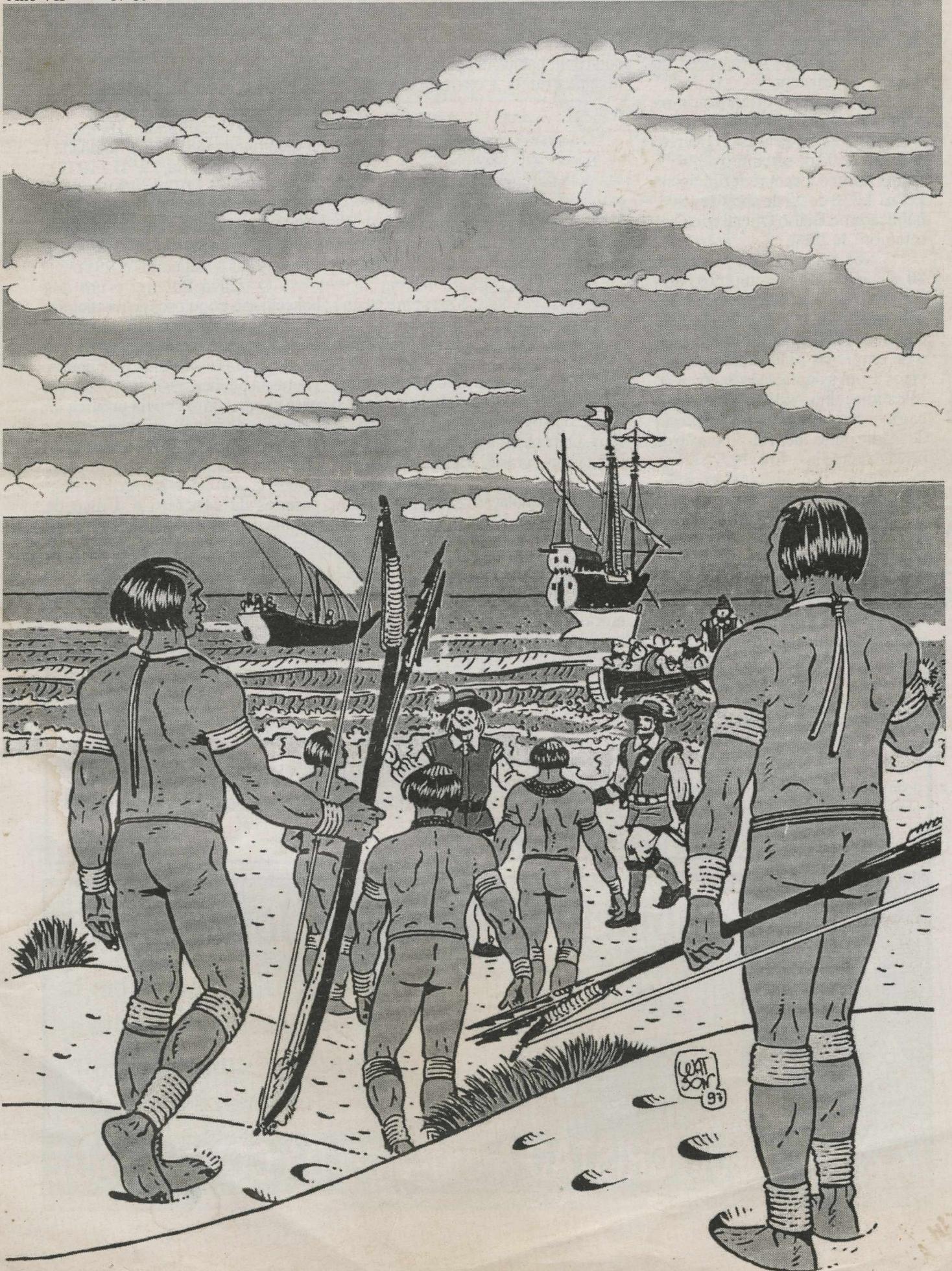
# O Potiguar

Ano VII

Nº 39

Junho / Julho 2004

Distribuição Gratuita





## Ponta Negra e a Vila do poeta

**A** bela baía da praia de Ponta Negra sempre encantou pessoas privilegiadas, as quais se deleitaram durante horas a fio com a natureza exuberante deste recanto de brasilidade, no sul do Atlântico. Sua costa de areias claras, aonde um leve vento beira-mar, constante, vem dando cores lúdicas ao céu azul turquesa, soprando suavemente a Via Costeira. O mar, calmo e de águas mornas, vai reverenciando a praia até o Morro do Careca, como se as derradeiras ondas da maré cheia teimassem em banhar mansamente a imponente duna calva em meio a vegetação praieira.

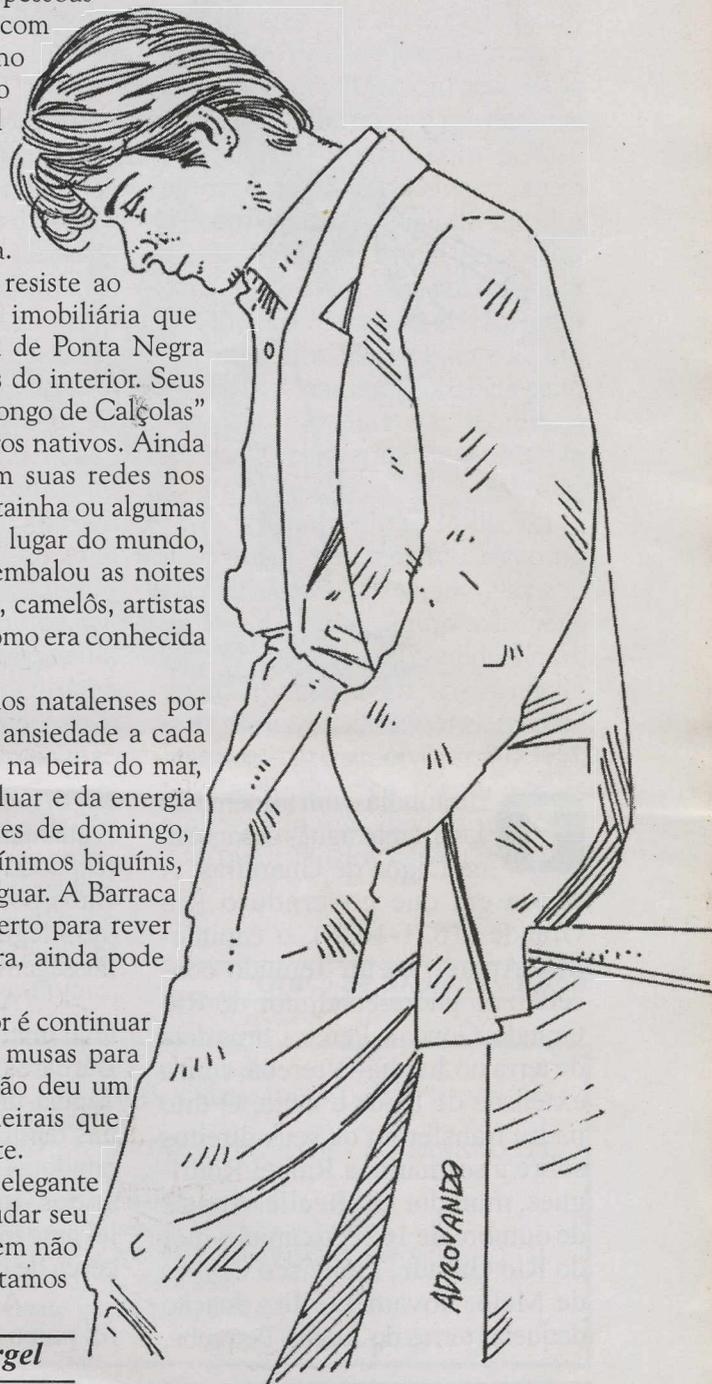
Essa ponta de mar, abriga uma vila de pescadores que resiste ao tempo, em meio ao concreto do desenvolvimento, a expansão imobiliária que espreme esse povo humilde entre os morros e as dunas. A Vila de Ponta Negra ainda abriga uma vida tranqüila, lembrando algumas cidadezinhas do interior. Seus moradores antigos semeiam as tradições folclóricas dançando o “Congo de Calçolas” e fazendo rendas nas varandas das casas humildes daqueles primeiros nativos. Ainda há, movidos pela resistência, dezenas de pescadores que jogam suas redes nos primeiros raios de sol, na esperança de pescar um peixe-serra, uma tainha ou algumas sardinhas. A Vila também abriga imigrantes provenientes de todo lugar do mundo, trazendo na mochila traços da diversidade cultural que sempre embalou as noites de sexta-feira, na loucura da Bodega da Praça. Na praia, banhistas, camelôs, artistas e barraqueiros faziam a festa das domingueiras em “Black Point” – como era conhecida Ponta Negra pela galera underground.

As barracas de Ponta Negra fizeram parte do cotidiano dos natalenses por vários anos. O “lual”, na Barraca do Toninho, era esperado com ansiedade a cada noite de lua cheia. As pessoas traziam alegria para celebrar a lua na beira do mar, quando o brilho natural da noite ficava tímido pela expansão do luar e da energia daquela gente vestida de branco. A Barraca da Beti, nas tardes de domingo, atraía as mais belas e mais sensuais mulheres, as quais usavam mínimos biquínis, exibindo somente o necessário para mostrar a beleza feminina potiguar. A Barraca do Português servia deliciosos bolinhos de bacalhau, era o lugar certo para rever velhos amigos. Essa agitação melancólica, da “antiga” Ponta Negra, ainda pode ser ouvida em conversas sem fim, na imaginação dos nativos.

Mas, tudo isso ficou na memória do poeta, cujo sonho maior é continuar morando na Vila, tocando seu violão, buscando inspiração nas musas para continuar cantando, em versos, as belezas do lugar. A urbanização deu um charme sofisticado à orla marítima, valorizando os verdes coqueirais que dão as boas-vindas, com sombra e água de coco, ao novo visitante.

A praia recebeu uma roupagem “black tie” para se mostrar elegante e sensual aos olhos dos gringos, como uma noiva se veste para saudar seu nubente na noite nupcial. Acredite, tudo é festa, o tempo insiste em não querer correr, os dias de sol ficam ainda mais lindos quando estamos diante do mar de Ponta Negra.

Alexandro Gurgel



71 ANOS UNINDO



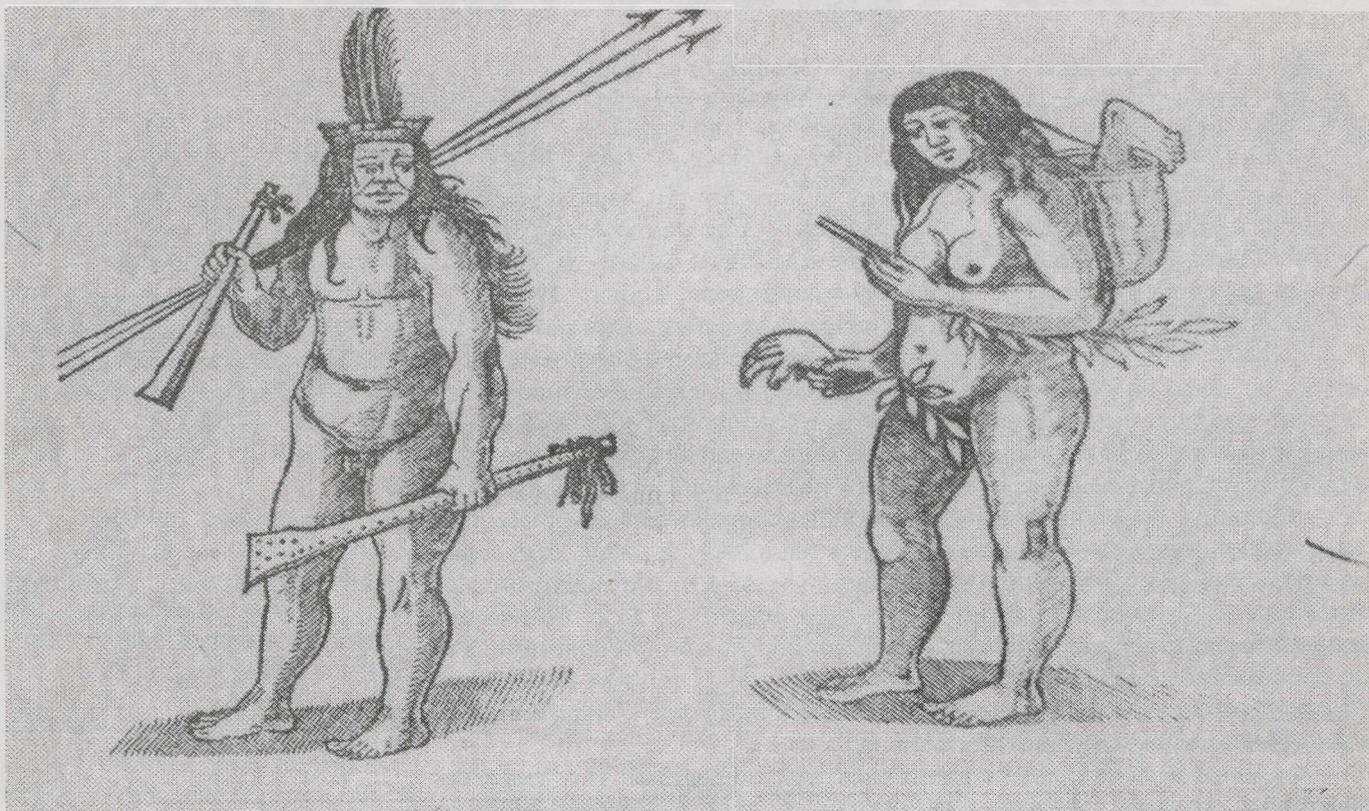
TRADIÇÃO E MODERNIDADE.

Ao completar 71 anos, o Colégio Nossa Senhora das Neves, consolidou-se como um grande referencial no ensino potiguar, com competência, dedicação e técnica. O NEVES demonstra que além de tradição agrega valores como dinamismo e modernidade.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

## O aldeamento do Jundiá-Perereba



Tapuias Tarairiús, a cujo grupo étnico-cultural pertenciam os janduí e os canindés (desenho incluído no livro de Jorge Marcgrave, História natural do Brasil, de 1648)

O rio Jundiá é um afluente do Jacu, cujas águas deságuam na Lagoa de Guarairás. À época em que governou o Rio Grande (1621-1624), o capitão-mor André Pereira Temudo concedeu ao padre-coadjutor do Rio Grande, Gonçalo Pereira, uma data de terra no Jundiá-Perereba, com a extensão de légua e meia. O dito padre transferiu os seus direitos sobre a sesmaria, a Rafael Rodrigues, morador em Recife. Aos 22 de outubro de 1627, o capitão-mor do Rio Grande, Francisco Gomes de Melo, novamente fez doação daquelas terras do Jundiá-Perereba,

ao dito Rafael Rodrigues (1). Atualmente o Jundiá-Perereba corresponde à localidade de Jundiá de Cima, no município de Várzea (RN), uma légua ao leste da cidade de Passagem.

A partir do ano de 1683, teve início a chamada Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gentio Tapuia, uma insurreição dos indígenas tapuias contra a presença dos criadores de gado nos sertões semi-áridos do Nordeste. Esse grande levante indígena prolongou-se por cerca de quatro décadas.

A região do Seridó também foi palco da guerra entre as tropas

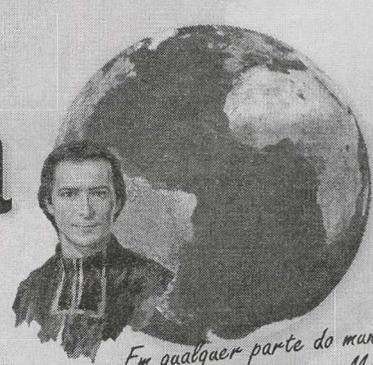
governamentais e os índios tapuias. Pelo final de 1687, o capitão-mor Afonso de Albuquerque Maranhão, cujas tropas combatiam no chamado Sertão do Acauã, conseguiu aprisionar o afamado rei Canindé, maioral dos janduí e canindés. Sabemos que Canindé era filho de outro rei dos tapuias, o célebre Janduí. A região do rio Acauã era habitada por indígenas janduí e canindés, pertencentes ao grupo étnico-cultural tarairiú.

Preso Canindé, foi o mesmo entregue juntamente com outros nove maiores, ao capitão-mor do Rio Grande, Pascoal de Carvalho(2)



# Colégio Marista de Natal

www.marista-natal.com.br  
Rua Apodi, 330 - Centro (84) 211-5005



Em qualquer parte do mundo  
temos orgulho de ser Marista.

Pelo final de 1690, o rei Canindé foi aprisionado pelo sargento-mor Cristóvão de Mendonça Arrais, das tropas do mestre-de-campo Domingos Jorge Velho (3).

Finalmente na Cidade da Bahia, aos 10 de abril de 1692, foi firmado um acordo de paz entre o governo português e os tapuias de Canindé. À época, Canindé era reconhecido como rei da nação Janduí, distribuída por 22 aldeias no Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco, e que contava com 13 a 14.000 habitantes e 5.000 homens de arcos, destros no uso de armas de fogo (4).

Em cumprimento às condições estabelecidas pelo acordo de 10 de abril de 1692, foram concedidas umas terras ao maioral Canindé e seus liderados, no Jundiá-Perereba. O capitão-mor do Rio Grande, Agostinho César de Andrade, ao doar tais terras, aos 12 de fevereiro de 1695, fazia o seguinte arrazoado:

“E de novo, entre os outros Ranchos que tenho reduzido, é um deles o Principal Canindé, ou João Fernandes Vieira, ao qual toda a sua nação intitula Rei, está por ora pacífico e obediente com todos os seus súditos, e me pedem sítio em que aldear-se, e terras em que plantem, e é ensejo mais conveniente o plantarem e aldear-se para a estabilidade da paz e conservação da sua obediência; e considerando em que este sítio convém seja em distância proporcionada, porque sendo muito distante fica menos sujeito à obediência que prometem (...) e sendo entre os moradores, é certo ocasionarem dúvidas e queixas, com que lhe podem desistir de suas lavouras, me parece conveniente nomear-lhe

sítio na Ribeira do Rio Jundiá Perereba, na tapera de Lucas Gonçalves, para poderem plantar na ribeira do mesmo rio, em todo o brejo que forma, as-sim para cima como para baixo, donde julgarem mais conveniente, por estar o mesmo sítio e terras devolutas (...)” (5).

Pouco tempo permaneceram os canindés no Jundiá-Perereba, onde haviam se estabelecido em 1698. carta de 20 de maio de 1699, do capitão-mor do Rio Grande, Bernardo Vieira de Melo, informava:

“Depois que dei conta a Vossa Majestade (o ano passado) assituado o gentio Canindé, sucedeu, que ou pelo sítio ser menos conveniente, ou pela sua natureza senão acomodar a viver fora do clima do sertão, que é diverso deste, lhe deu o acharque de maleitas, do qual morreram 7 ou 8 crianças, e juntamente o seu principal canindé, e o que mais deu que sentir foi que um clérigo Manuel Serrão de Oliveira que o bispo de Pernambuco remeteu para assistir com eles, o fez tão mal, que a nenhum batizou podendo irem todas estas almas para o céu, de que dei parte ao mesmo Bispo, e o repreendeu, sendo que pelo seu descuido, e ignorância merecia bem castigado; e o mais gentio desgostoso tanto do acharque, que experimentavam,

como da morte do seu principal, vendo a pouca assistência, que o Padre lhe fazia se foi buscando o seu centro, que é o sertão, do que sendo eu avisado montei pessoalmente a ir ter com eles, e os achei já distanciados perto de 3 léguas, e estranhando-lhe com a moderação necessária a mudança que faziam me deram a entender ser a sua maior pena o morrer o seu principal, e os mais sem o Padre os batizar pedindo-lhe eles várias vezes, e os tornei a capacitar para que se aldeassem em um lugar que lhe ficava mais ao sertão, tanto por ser o clima semelhante ao em que eles viviam, como por ficar perto das suas comedias, e com efeito o fizeram, e estiveram até o presente (...) (6).

Com a chegada do Terço dos Paulistas do mestre-de-campo Manuel Álvares de Moraes Navarro ao Rio Grande, alguns canindés assentaram praça no aludido Terço, seguindo então para o Açú. Segundo informou o pe. Manuel Serrão de Oliveira, a Bernardo Vieira de Melo, os Canindês “se foram todos embora” do Açú, devido ao receio “em que estão dos Paulistas”(6).

*Olavo de Medeiros Filho*

- (1) LIVRO 2º DO REGISTRO DE DATAS E SESMARIAS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE (1674-1680), fl. 26-v;
- (2) LIVRO 2º DO REGISTRO DE CARTAS E PROVISÕES DO SENADO DA CÂMARA DO NATAL (1673-1690), fl. 66;
- (3) TAUNAY, Afonso de • *Guerras dos Bárbaros*, pp. 94 e 109;
- (4) ENNES, Ernesto • *Guerras dos Palmares*, 1º vol. Pp. 62-63;
- (5) LIVRO 3º DO REGISTRO DE CARTAS E PROVISÕES DO SENADO DA CÂMARA DO NATAL (1691-1702), fls. 54-v e 55;
- (6) ENNES, Ernesto • *obra citada*, pp. 70-72, 420-421;

# SALESIANOS

## COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530  
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35

## Rua Felipe Camarão

**N**ão é o logradouro público que realça a importância de um espaço dentro da cidade, o que destaca e realça a sua importância, são os seus moradores, as artes ali desenvolvidas e o seu topônimo.

A Rua Felipe Camarão, não foi a primeira rua da cidade do Natal a dotar essa nomenclatura. A primeira a se denominar Felipe Camarão, foi a rua no centro da cidade conhecida hoje como Vaz Gondim, localizada entre a Av. Rio Branco e as ruas Vigário Bartolomeu e Gonçalves Ledo. O trecho limitado pelas ruas João Pessoa e a Ulisses Caldas, passou a se denominar Dr. José Ivo, entretanto é popularmente conhecido como “Beco da Lama”.

Inicialmente esta rua era designada como Rua do Meio, ficou conhecida também como Rua da Luz, em razão da parteira da cidade *Maria da Luz*, morar naquele espaço público. Ali morava também o famoso *Cabo Pereira*, veterano da Guerra do Paraguai de onde trouxe, como espólio de guerra, segundo Câmara Cascudo, a paraguaia Jerônima, brava e boa como fogo. Em 1888, lhe foi conferida a denominação oficial de Felipe Camarão, em homenagem ao herói da guerra contra os holandeses, posteriormente esta denominação foi substituído por Vaz Gondim.

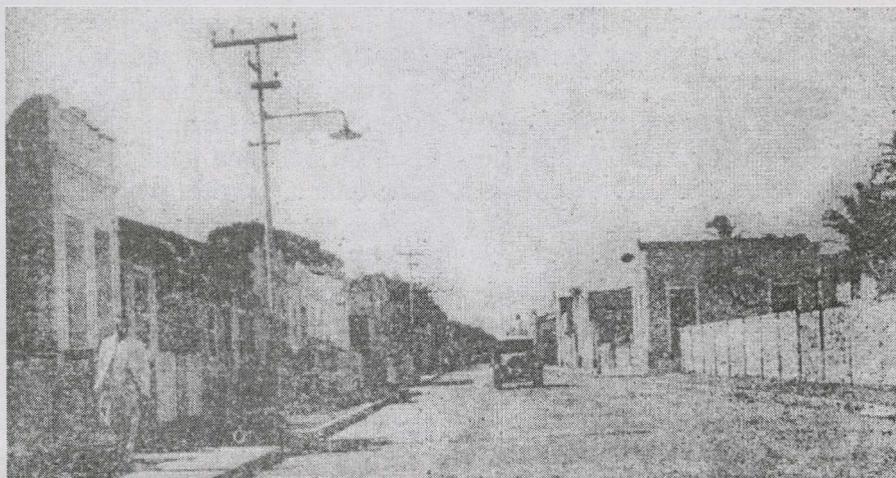
Felipe Camarão, era filho do principal dos índios potiguares chamado Potiguaçu (Camarão Grande). Após receber o batismo católico ocorrido em 26 de fevereiro de 1612, celebrado pelo padre Diogo Nunes, passou a se chamar dom Antonio Felipe Camarão. Esta figura lendária nomeia atualmente uma tradicional rua do centro da cidade do Natal.

A atual Rua Felipe Camarão, localizada entre a Rua Princesa Isabel (ex-Rua dos Tocos) e a Av. Deodoro,

é a renovação da homenagem outorgada ao herói da guerra contra os holandeses. No final do Séc. XIX, a atual rua Felipe Camarão ficou conhecida como a Rua do Catorze, motivado pelas brigas e alterações provocadas pelos soldados do 14º Batalhão de Infantaria, com sede na Paraíba, que veio a Natal, precisamente entre os meses de março e dezembro, em 1897, com a finalidade de guarnecer os postos confiados à

da época a denominar aquela artéria de Rua do Quatorze.

Entretanto, o nome oficial Felipe Camarão prevaleceu, tornando-se uma rua residencial de muita respeitabilidade, destacando-se ainda pela democracia xenofílica ali implantada, vez que naquele local foi “instalado o Centro Israelita que funcionou até o ano de 1968, sob a liderança da família Palatinik”. (Itamar de Souza, “Nova história de Natal”).



Rua Felipe Camarão no ano de 1935

vigilância do Exército. Quando o 34º Batalhão fixado em Natal partiu para Canudos, os soldados do 14º Batalhão desestabilizavam a tranquilidade da pacata rua, dando muito trabalho as patrulhas, ao Batalhão de Segurança e aos moradores daquela via pública.

As arruaças que os soldados do 14º Batalhão de Infantaria praticavam, realizavam-se principalmente no espaço compreendido entre a rua João Pessoa que já foi conhecida como Ruas do Sarmento, Visconde de Inhomirim e Pedro Soares, e a Rua Ulisses Caldas, que já foi denominada de Travessa do Correio. Ali à noite eram realizadas ações de insubordinações e agressividades por estes soldados, forçando a população

Nos dias atuais, a Rua Felipe Camarão encontra-se divorciada da característica de uma via eminentemente residencial, para abrigar em sua extensão várias casas comerciais, entretanto, algumas famílias com a do senhor Alberto de Paula, entre outros, *batendo o pé*, permanecem naquela artéria, mesmo envoltas pelas especulações comerciais, demonstrando com suas pertinácias o mesmo valor aguerrido de Felipe Camarão, o herói que emprestou o nome a aquele tradicional logradouro do centro de Natal.

*Manoel Procópio de Moura Júnior*



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO  
RIO GRANDE DO NORTE**

**1902 \* 2004**

**A mais antiga Instituição  
Cultural do Estado**

Rua da Conceição, 622 - Cidade Alta - Natal/RN



## Canto da Ema

### Sinfonia das Sintonias

Um velho "Phillips" valvulado  
Sintoniza-me nas ondas curtas  
De minha infância.  
Reminiscências de meu pai  
Consertando rádios.  
Madrugadas adentro,  
Trocava válvulas,  
Condensadores, variáveis,  
Ajustava bobinas  
E regulava frequências.  
Prefixos poéticos,  
Espectro idiomático,  
Amálgama sonoro,  
Sinfonia de Sintonias,  
Embalando Kiloherztz e megahertz de sonhos,  
No sono de minha rede  
Ao lado de sua bancada de concertos.  
Um canto Árabe se esvaindo gradativamente;  
Ressurgindo na sequência,  
O noticiário da "Voz da América".  
Noutra faixa, a BBC  
Com jingles e canções dos Beatles;  
Beethoven e Bach juntos,  
Num Concerto de Rádio da "Deutscheweller";  
Na "Central de Moscou".  
Abertura e encerramento com o  
"Hino da Internacional Socialista".  
Na Oficina Autorizada Phillips do meu pai,  
Eu, infante errante, viajava o mundo inteiro,  
Percorrendo longas distâncias  
Nas ondas curtas da radiodifusão.

Manuel de Azevedo

### Grãos Debulhados

Escrevo meu último soneto contado a dedos  
de quem debulha feijão verde em muitos invernos.  
Soneto são, liberado aos leitores externos,  
de viva metricidade em palavras de brinquedo.

De cada um dos quartetos nascem os arvoredos  
e novas folhas descobrem os tercetos eternos  
na divina inspiração dos artistas modernos.  
Os diabinhos da poesia fazem seus loucos enredos,

delírios para as minhas festas de sonhos e sons.  
Um soneto concreto faça transportar a minha  
alma por rimas vadias, de truques, toques e tons,

métrica de ofício para meu poema, meu estudo.  
No instante de alcançar minha última linha,  
os antigos poetas recebam louvores por tudo.

João Gualberto de Aguiar

### Deusa nua

Pela nona vez,  
Na segunda Lua,  
A oferenda se fez  
Diante da deusa nua.

Pela nona vez  
Foi ofertado o amor,  
E com certa timidez  
A minha deusa aceitou.

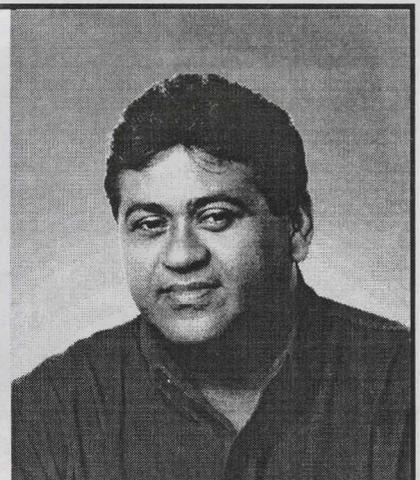
Na segunda Lua  
A cama virou altar,  
E diante da deusa nua  
O meu amor pude ofertar.

Por um breve momento  
O tempo parou;  
O êxtase bloqueiou o sofrimento  
E o brilho da Lua me ofuscou.

Joanir César da Costa

**★ Júnior**  
**Rodoviário**  
VEREADOR **13.789**

Frete Popular de Natal - PT - PCB - PTdoB



## A “Seleção Fantasma do Nordeste” no Campeonato Brasileiro de 1934

**A** história futebolística do Rio Grande do Norte teve uma de suas páginas mais brilhantes, quando da realização do “IX Campeonato Brasileiro de Futebol”, levado a efeito de 7 de janeiro a 4 de fevereiro de 1934, período em que o Rio Grande do Norte participou pela 3ª vez de um certame nacional.

O “IX Campeonato Brasileiro” foi levado a efeito com a participação do Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Paraíba, São Paulo, Sergipe, Alagoas, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Ceará, Bahia, Espírito Santo e a Liga de Esportes da Marinha, num total de 14 representações com jogos realizados por diversos pontos do país.

No Rio Grande do Norte, grande foi o empenho da Diretoria da Associação Riograndense de Atletismo – ARA, para que o nosso pequenino Estado tivesse uma participação honrosa. Desportistas de alto nível à frente da entidade – Luiz Potiguar Fernandes, Presidente; Gentil Ferreira de Souza e Vicente Farache Neto, dirigentes técnicos; Carlos Fernandes Barros, vice-presidente; Miguel Ferreira da Silva, tesoureiro, e Waldemar Araújo, secretário, tudo fizeram para que o melhor aproveitamento técnico e desportivo fosse conseguido.

Dado ao diminuto espaço de tempo para o início do certame nacional, foi traçado um programa intensivo de treinamento, sob a direção de Gentil Ferreira e Vicente Farache, convocando-se os melhores atletas dos três únicos clubes em atividade normal na ARA – América, ABC e Sport Club de Natal, formando-se inicialmente as equipes “A” e “B” e mais alguns jogadores. Os treinos foram iniciados no final do mês de dezembro/33, quando o campeonato oficial da cidade terminou empatado entre América e ABC, havendo necessidade de uma partida extra para ser realizada após o campeonato brasileiro.

Para os treinos os quadros “A” e “B” tiveram sempre as seguintes formações: “A” – Nenê, Dorcelino e Nezinho; Teixeira, Hemetério Canuto e Pinheiro; Cabojão, Simão, Neném, Xixico e Mário Crise. “B” – Edson, Ponciano e Campelo; Waldemar, Otacílio e Adalberto; Glicério, Cesário, Toseli, Marinho e Raimundo Canuto. Também participaram dos treinamentos Daniel, Severino, Rivadávia, Guerreiro,

Garapa e Oscar.

Foram sorteados os jogos da tabela elaborada pela Confederação Brasileira de Desportos e o Rio Grande do Norte cumpriu uma série de jogos contra as seleções da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Bahia, com disputas realizadas fora de Natal e no campo dos adversários. O jogo contra o Ceará foi realizado também em Recife.

A delegação potiguar para o primeiro jogo na Paraíba viajou no trem da Great Western, no dia 6 e foi a seguinte: Presidente, dr. Luiz Potiguar Fernandes; Drs. Gentil Ferreira de Souza e Vicente Farache Neto, dirigentes técnicos; Secretário, Carlos Fernandes Barros; tesoureiro, Miguel Ferreira da Silva e Waldemar Araújo, jornalista credenciado pela “A República”. Jogadores – OTACÍLIO Ferreira, Renato Teixeira da Mota (NENÉM), Domicio Bezerra das Neves (NENÊ), Jeremias PINHEIRO da Câmara Filho, João TEIXEIRA de Carvalho, João Acyole (CABOJOÃO), HEMETÉRIO Canuto, DORCELINO Pereira, Manoel Francisco (XIXICO), EDSON Pinto da Silva, PONCIANO Damasceno, Francisco Rodrigues, José SIMÃO, MÁRIO CRISE, RAIMUNDO Canuto e Adalberto Carvalho.

1º Jogo – RIO GRANDE DO NORTE 3 x 1 PARAÍBA. Juiz: Aniquiel Gomes, do Palmeira Sport Club. Local: Estádio do Cabo Branco. Dia 07/01/34 (Domingo). Seleção Potiguar: Nenê, Dorcelino e Nezinho; Teixeira, Hemetério e Pinheiro; Cabojão, Simão, Neném, Xixico e Mário Crise. Paraibanos: Tibúrcio, Manduquinha (Dante) e Felíz, Reis, Pedro e Celso; Neco, Iracema, Rodrigues, Pitota e Correia (Ademar).

Exibição quase perfeita da seleção potiguar com destaque maior para Nenê, Nezinho, Pinheiro e Xixico. Os tentos do Rio Grande do Norte foram marcados no primeiro tempo por Xixico (2) e Mário Crise (1). *Esta foi a primeira vitória de uma seleção potiguar sobre a Paraíba.*

A delegação retornou a Natal no dia seguinte, recebendo homenagens da sociedade de Nova Cruz, na passagem do trem, tendo falado o poeta Barreto Sobrinho e srta. Aniole Pessoa Ramalho fez a entrega de um ramalhete de flores. Em Natal, na “gare” tocou a

Banda de Música da Política Militar, com a presença de autoridades e desportistas, inclusive o cap. Luiz Cândido, representando o sr. Interventor Federal. Discursaram os drs. Afonso Saraiva Júnior e Luiz Potiguar Fernandes. Seguiu-se longo cortejo de 12 automóveis pela cidade, se dirigindo à Vila Cincinato, em visita de cumprimentos ao sr. Interventor Mário Câmara, que agradeceu com breves palavras no jardim de sua residência.

2º Jogo – RIO GRANDE DO NORTE 4 x 2 PERNAMBUCO. Juiz: Harry Lessa, do América Futebol Clube. Local: Estádio do Sport Club de Recife. Dia 21/01/34 (domingo). Rio Grande do Norte – Nenê, Dorcelino e Nezinho; Teixeira, Hemetério e Pinheiro (Mário Crise); Cabojão, Simão (Glicério), Neném, Xixico e Mário Crise (Raimundo Canuto). Pernambuco – Diógenes, Fernando e Scherioque; Julinho, Sebastião e Ernani (Rafael); Alemão (Zezé), Artur, Fernando (Tará), Marcílio e João Manoel.

A seleção do Rio Grande do Norte fez uma exibição primorosa pondo em prática admirável padrão de futebol. O primeiro tempo terminou com a vitória dos potiguares por 3 x 2 com gols de Xixico (2) e Glicério (1) para o Rio Grande do Norte e Tará (1) e João Manoel (1) para os pernambucanos. No 2º tempo Raimundo Canuto consolidou a vitória com o 4º gol. Ainda no 2º tempo Pinheiro machucado deixou o campo. *Esta foi também a primeira vitória de uma seleção potiguar contra os pernambucanos em toda a sua história até aquele momento. A arbitragem do juiz Harry Lessa foi impecável.*

A delegação do Rio Grande permaneceu em Recife para aguardar a seleção do Ceará, próximo adversário. Nesta altura grande foi o número de desportistas potiguares que se deslocaram até Recife para incentivar a nossa seleção, destacando-se entre outros, João Tinoco Filho, Renato Caldas e Paulo Teixeira.

3º Jogo – RIO GRANDE DO NORTE 4 x 2 CEARÁ. Juiz: Harry Lessa. Local: Campo da Jaqueira (Estádio do Sport Club de Recife). Dia 31/01/34 (quarta-feira). Rio Grande do Norte – Nenê, Dorcelino e Nezinho; Teixeira, Hemetério Canuto e Pinheiro; Cabojão, Glicério, Neném,

Xixico e Mário Crise. Ceará – Capote, Alberto e Rolinha; Tancredo, Viana e Hildebrando; Nilo, Juracy, Nila, Jandir e Dandão.

Repetiu a seleção do Rio Grande do Norte as exhibições anteriores, jogando os seus atletas com perfeição e habilidade, dando oportunidade a que a torcida aplaudisse cada jogada dos potiguares. Notadamente quando terminou o primeiro tempo com o placar de 2 x 0 para o Ceará. No 2º tempo o domínio da seleção potiguar foi completo, com goals de Xixico (1), Cabojão (1), Raimundo Canuto (1) e Mário Crise (1). *Esta também foi a primeira vez que o selecionado potiguar venceu os cearenses.* A atuação do juiz Harry Lessa foi elogiada por toda a crônica esportiva presente ao Estádio, inclusive os cearenses.

Em Natal, no retorno, a delegação foi recebida com alegria pela população, tendo sido tributadas inúmeras manifestações por autoridades e entidades desportivas. *A colônia potiguar em Recife, destinou medalhas douradas aos nossos briosos atletas.*

Finalmente, já pelas semi-finais do Campeonato Brasileiro, a nossa seleção defrontou-se com a forte representação da Bahia, considerada na época uma das melhores do país. A seleção carioca, por dissensões internas, apresentava falhas para uma equipe à altura da tradição. A representação paulista surgia como uma equipe de novos.

4º Jogo - RIO GRANDE DO NORTE 3 X 5 BAHIA. Dia: 04/02/34 (domingo). Juiz – Anísio Silva (Vovô),

indicado pelo CRD, como aquieência dos riograndenses. Rio Grande do Norte – Nenê, Dorcelino e Nezinho; Teixeira, Hemetério Canuto e Pinheirinho; Cabojão, Glicério, Neném, Xixico e Mário Crise. BAHIA – Nova, Popó e Silvino; Mila, Guga (Aluízio e Carlito) e Gia; Bayma, Betinho (Guarani), Raul, Pelágio e Almiro.

Apesar de todas as desvantagens, como o enfado da viagem, cancha desconhecida e ambiente inteiramente adverso, os “Fantasmas do Nordeste”, como nos chamaram os baianos, não se deixaram abater facilmente, dando uma prova irrefutável do seu valor e do seu cavalheirismo, lutando de igual para igual contra a forte seleção da Bahia que dias antes havia vencido por uma esmagadora vitória a seleção de Sergipe por 8 x 0. Também concorreu muito para a derrota da seleção potiguar as imperfeições das marcações do arbitro da partida, após o Rio Grande do Norte chegar ao empate de 3 x 3, que não permitiu as avançadas dos potiguares, marcando impedimentos e permitindo também o jogo violento por parte dos baianos.

“E foi diante deste adversário respeitável que os potiguares perderam de 5 x 3. Souberam perder vendendo caro a derrota, num jogo, em que mostraram limpidez, nobreza e eficiência. Não se intimidaram diante da vantagem obtida pelos locais pelo “score” de 3 x 1. E assim é que, em poucos minutos de jogo do 2º tempo conseguiram empatar, não logrando mais, em conseqüência da parcial atuação do juiz”, foi o que disse a

imprensa baiana após o jogo sensacional. A Bahia venceu, na final, à seleção de São Paulo e foi o vencedor do “IX Campeonato Brasileiro de Futebol”.

O jornal baiano “A Tarde” de 05/05/34 assim se manifestou sobre a disputa: “Os valorosos potiguares surpreenderam os nossos players e o nosso público com uma performance digna dos melhores elogios. Jogo de passes curtos, rasteiros e certos, feitos com inteligência, com consciência, com precisão. Ademais o que se notou nos nossos visitantes foi essa tenacidade de que unicamente é capaz os brasileiros do Nordeste”.

Os nossos artilheiros neste grande jogo foram Cabojão, Xixico e Glicério. Pelágio (4) e Bayma (1) pela Bahia. Na final da partida o goleiro Nenê defendeu magistralmente, um penalty batido por Carlito.

Para este jogo em Salvador a delegação do Rio Grande do Norte teve no dr. Gentil Ferreira de Souza, o seu presidente.

No dia 11 de março aconteceu o jogo decisivo entre as seleções de São Paulo e Bahia, terminando a disputa com a vitória dos baianos por 2 x 0, conquistando a Bahia, dessa forma, o campeonato oficial brasileiro de futebol/1934, com o aval da CBD, ficando os paulistas como vice-campeões e os potiguares com a 3ª colocação. Formou a seleção da Bahia – Nova, Popó e Bisa; Milton, Dourado e Gia; Ismael, Mila, Romeu, Pelágio e Almiro (Raul).

Luiz G. M. Bezerra



A seleção “Fantasma do Nordeste de 1934”, com seus efetivos e reservas. De pé - Ponciano (ainda vivo), Adalberto, Dorcelino, Nezinho, Nenê, Edson Pinto, Pinheirinho, Hemetério e Teixeira. Agachados: Cabojão (ainda vivo), Simão, Neném, Xixico e Mário Crise, Faltando na foto, os “cracks” Raimundo Canuto e Glicério.

## Rejane, nossa estrela internacional

Quando eu dediquei o meu livro “Écran Natalense – capítulos da história do cinema em Natal” (que inaugurou em 1992 as edições da nova e hoje plenamente vitoriosa editora natalense Sebo Vermelho) a Rejane Medeiros, além de dedicá-lo também ao crítico Berilo Wanderley, o fiz por duas razões. Primeiro que tudo, Rejane fora uma paixão secreta minha, desde que a vi em fotos jornalísticas como candidata a Miss Rio Grande do Norte

nos anos 60. Fiz então uma série de poemas medíocres, recheados de melodias sentimentais. Que, felizmente, nunca foram mostrados a ninguém nem publicados.

Em segundo lugar, Rejane foi a primeira atriz nascida no Rio Grande do Norte que se projetou no cinema e televisão nacionais e internacionais, e que, embora sem a fama maior da cearense Florinda Bulcão (que trabalhou até em “Os Deuses Malditos”, de Luchino Visconti, e em outros filmes de diretores como Vitório De Sica e Elio Petri), deixou também sua marca, nordestina, com au-

tenticidade humana. Ela não merecia ser esquecida, principalmente por quem gosta de cinema em nosso Estado (a ponto



de escrever o livro), e não pode mencionar outro nome que, como o de Rejane, tivesse brilhado no cinema além-fronteiras.

Rejane Barroso Medeiros nasceu em Acari, a 08 de Fevereiro de 1948. Desde criança, o sonho de ser atriz. Em um depoimento a Ronaldo Bôscoli, publicado na revista Manchete, a 15 de Setembro de 1979, a revelação das barras que enfrentou por causa deste sonho: “Eu sou uma atriz. Desde pequenina foi meu grande sonho. Vendia cocada para ir ao cinema. Morar no cinema. Meus pais muito pobres. Eu criança dizia

pro mundo que minha vontade era ser atriz. As pessoas falavam que eu era louca. Como pode uma pessoa ser uma atriz? Uma pessoa

pobre ser atriz? Minha infância foi de muita dor e muito sofrimento. As pessoas me humilhavam.”.

Mas não eram só as pessoas do círculo extra-familiar. A incompreensão quanto ao sonho dela existia dentro de casa. “Com 13 anos tentei uma fuga. Souberam e minha mãe pegou

meu baú cheio de revistas de cinema e queimou-o inteiro”. Sem perspectivas e sem emprego no Rio Grande do Norte, onde foi Miss, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi modelo, posando para capas de discos (um deles foi o lp “Trio Marayá – boleros – com a participação de Renato de Oliveira e sua orquestra”, lançado pela Philips com data de 1964/1965 – conforme registra Leide Câmara em seu “Dicionário da Música do Rio Grande do Norte”, 2001)

“Aí um anúncio no jornal procurando uma pessoa com tipo bugre. Selvagem. Passei no teste

## Uma alternativa de esquerda para Natal

Quando iniciamos a construção do PT, em 1979, a grande imprensa e os adversários ideológicos nos chamavam de ingênuos e sonhadores. Vencemos esse desafio e hoje somos uma referência política nacional. Nesse percurso, resistimos. Não aceitamos a tese que o PMDB significasse mudanças. Em 1984, enchemos as praças e ruas de gente e sonho com a campanha das Diretas Já. Fomos traídos pelos parlamentares, resistimos ao golpe do Colégio eleitoral.

Em 1989, quase chegamos lá. Infelizmente a classe dominante preferiu Collor, iniciando uma nova fase da nossa resistência, agora as políticas neoliberais que foram aprofundadas na era FHC.

A vitória de Lula para presidente é uma conquista histórica para a classe trabalhadora. O neoliberalismo continua vivo e fazendo estragos: miséria e exploração para a maioria; riqueza para a minoria que vive da exploração do trabalho e da especulação financeira.

Por isso, continuaremos resistindo. Pois todas as transformações sociais ocorrem após a dureza das lutas e a firmeza das resistências. Assim, se constrói o novo e a beleza social.



e fiz Selva Trágica de Reginaldo Farias.” Neste primeiro filme em que atuou, Rejane teve como parceiro de interpretação Reginaldo Farias, e o filme, dirigido por Roberto Farias (Rejane se equivocou no depoimento ao dizer que o diretor era o próprio Reginaldo), foi lançado em 1963. Após Selva Trágica, ela atuou em Entre o Amor e o Cangaço, de Aurélio Teixeira (1965); Meu Nome é Lampião, de Mozael Silveira (1969); Piranhas do Asfalto, de Neville de Almeida (1970); A Vingança dos Doze, de Marcos Farias (1970); Pecado Mortal, de Miguel Farias Júnior (1970); Sangue Quente em Tarde Fria, de Renato Neumann e Fernando Campos (1972); Guru das Sete Cidades, de Carlos Bini (1972); A Noite do Espantalho, de Sérgio Ricardo (1974); Soledade, de Paulo Thiago (1977).

Obras razoáveis de ficção (dois dos filmes baseados em famosos romances da literatura nacional: Selva Trágica, em romance do mesmo título, de Hernani Donato; e Soledade, no romance A Bagaceira, de José Américo de Almeida) e um belo musical nordestino (A Noite do Espantalho). Internacionalmente, ela atuou no filme argentino La Conquista del Paraíso, realizado em 1980 sob a direção de Eliseo

Subiela; e nos seriados de televisão italianos Garibaldi (de 1991, dirigido por Franco Rossi) e Alla Origini Della Mafia (chegou a passar na televisão brasileira). E parou mais ou menos por aí sua participação como intérprete no cinema e na tv.

Mas esta foi a Rejane Medeiros que mereceu receber o Prêmio Tributo na primeira edição do Festival de Cinema de Natal, em 1987. Foi a Rejane bonita e de sensibilidade artística, que por 13 anos conviveu com o compositor Egberto Gismonti. Foi a Rejane inteligente, que cursou Comunicação Social na UFRN; que foi repórter do caderno DN Educação, do Diário de Natal; e também do jornal Dois Pontos e da revista RN Econômico. Que produziu em Brasília o programa de televisão Frente a Frente; e que no Rio de Janeiro foi produtora do Jornal da Manchete; e que também integrou a assessoria de imprensa do Unafisco Sindical – Sindicato de Auditores Fiscais da Receita Federal.

Sinceramente, não sei onde se encontra atualmente Rejane Medeiros. Sei que vi alguns dos seus filmes (Selva Trágica, A Noite do Espantalho, A Vingança dos Doze, Soledade) e posso garantir que ela é uma grande atriz. Assino ainda atualmente a dedicatória a ela do meu livro

“Écran Natalense”. Nunca a vi pessoalmente, mas além da admiração artística tenho uma grande ternura por ela, por sua personalidade humana, e sintonizo com pensamentos por ela expressados, no depoimento à revista Manchete; quando, por exemplo, diz que “gostaria mais de um sonho impossível. Voltar a ser criança”.

Rejane Medeiros será sempre para mim, nossa estrela maior em feitiço de menininha; a menininha rebelde e autêntica, enfrentando ambientes safados, superando preconceitos: “Preconceitos nunca os tive. Com 14 apaixonei-me por um homem de 35, e tudo bem.” Este pensar assim é uma coisa totalmente o oposto dos parti-pris e dos convencionalismos. Por pensar assim, Rejane foi uma vítima. Discriminada. Ignorada em sua arte. Destruída pela mídia e pelos donos das regras “morais” vigentes. Mas sua luz forte, vindo da década revolucionária do século passado, continua indo além das sombras em que vegetam os medíocres com os quais ela teve de conviver, desde alguns familiares. Exceção, é claro, do instrumentista e cantor carioca, autor da excelente música “Água e Vinho”.

*Anchieta Fernandes*

# SINSENAT

Construindo a luta

Filiado À  
**CUT**

**Lutas garantem  
Conquistas**

Departamento de Imprensa  
**João Napoleão**

Rua Gonçalves Ledo, 857 - Centro  
Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312  
sinsinat@digi.com.br  
w.w.w. Sinsinateluta.hpg.com.br

# Araruna



Apresentação do grupo Araruna no IV Festival do Folclore

Falar deste grupo como manifestação cultural do nosso Estado, é reviver um tempo que não volta mais, viajar pelos salões da aristocracia medieval, das festas tradicionais dos sertões do RN onde eram realizadas monumentais festividades relacionadas às grandes comemorações de colheitas, casamento de família e festa de tradição religiosa.

Araruna, foi o nome dado a um grupo folclorizado oficialmente organizado a 27 de setembro de 1956, único no estado com estatuto e sede própria. A dança das Ararunas como era chamado inicialmente homenageia um pássaro preto da região que ao cantar, pula de galho em galho executando uma espécie de bailado encantador.

Culturalmente pode ser visto como um dos mais importantes não só por ser único, mas pela importância histórica que representa, resgatando as danças folclóricas do RN em fins do século XVIII e

durante todo século XIX, como também revivendo com elegância e com requintes aristocráticos a vida palaciana da idade média. Outrossim, sua criação está ligada a vultos da maior importância em nossa vida cultural, social e política, tais como: Luiz da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Djalma Maranhão, Joaquim Caldas Moreira, que se destacaram como grandes incentivadores e criadores desta sociedade cultural.

Cornélio Campina da Silva, natural de Portalegre (RN), nascido a 8 de outubro de 1908, filho de João Campina da Silva e Júlio Bezerra da Silva é o grande protagonista de uma história que começou com sua tia D. Antônia Campina da Silva.

Segundo o mestre Cornélio, as primeiras danças aconteceram no bairro das Rocas em 1948 com o nome de Cordelanea. Por iniciativa do Mestre Cascudo foi mudado para Araruna. A primeira indumentária foi doada pelo prefeito Djalma

Maranhão com apresentação oficial no teatro Carlos Gomes no ano de 1957.

Nas suas apresentações oficiais são exibidos quinze números, com passos diferentes, alguns rápidos e outros lentos, conservando uma postura imponente com a cabeça sempre erguida.

Pela ordem, estes são os seguintes números: Araruna, Camaleão, Jararaca, Besouro, Caranguejo, Bode, Maria-Rita, Sete Rodas, Maria Rendeira, Mazurca, Miudinho, Polca, Xote, Pau Pereiro e Valsa.

A sua indumentária imita as antigas casacas e trajes femininos das sinhás de nossos engenhos, no século passado nos bailes de gala. As mulheres usam vestidos longos rodados e sobressaias, decote em forma de canoa, mangas três quarto com dois grandes babados, enfeite de fitas prateadas nas barras, decote e babados nas mangas, colares e brincos, cabelo preso num coque no alto da cabeça. Os homens usam calça preta listrada e gravata borboleta. Colete, casaco, luvas e cartola com a qual dançam.

Os instrumentos musicais são: Sanfona e pandeiro.

A dança tem início com este canto que ainda hoje conservam.

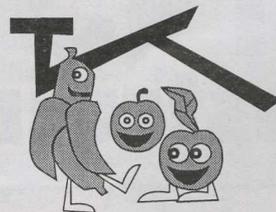
*Tenho meu pássaro preto  
Araruna  
Que veio lá do Pára,  
Araruna,  
Xô, xô, xô, Araruna  
Não deixe ninguém lhe  
pegar, Araruna.*

Severino Vicente

**Offset**  
GRÁFICA

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira  
59012-370 - Natal - RN  
Fone: (84) 211-7664

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

## CÂMARA CASCU DO EM PORTUGAL E O “I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE FOLCLORE”

**C**âmara Cascudo, a convite do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, e de diversas instituições culturais portuguesas, em 1947, viajou a Portugal, na qualidade de Presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, para participar, como um dos “chanceleres sul-americanos” e o “mentor intelectual”, da Comissão Organizadora do “I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore”, com realização prevista para 1948.

Partindo do Rio de Janeiro, no dia 3 de agosto, a bordo do paquete “Santa Cruz”, desembarcou no porto da cidade de Vigo, norte da Espanha, no dia 18 e, daí seguiu para Portugal, onde, impressionantemente, durante mais de três meses, acompanhado por Comissões para tal fim foram constituídas, percorreu quase todas as terras portuguesas, como bem afirma: “de Norte a Sul, de Leste a Oeste, de comboio e de automóvel”.

Realmente, Câmara Cascudo, após cruzar o Minho e já em terras portuguesas cantar o romance da “Nau Catarineta”, inicia as suas digressões turísticas e de estudos nas mais diversas localidades, desde a primeira estação, Valença, cruzando toda a região do Minho e do Douro, até Lisboa, a noiva do Tejo, a velha cidade do Fado, a Capital de Portugal. No mesmo dia que chegou em Lisboa, na madrugada do dia 22 de agosto, concedeu entrevista para o “Diário da Manhã”. Portugal, a essa altura, já sabia quem era Câmara Cascudo, pois no dia 19 o mesmo veículo de comunicação publicou uma reportagem intitulada “Quem são os três brasileiros da Comissão Executiva do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore?”.

Após algumas das reuniões de trabalho, de Lisboa viajou a Sintra, para conhecer o palácio Mouro; depois, para Monsanto da



Beira, passando por Extremoz, com suas muralhas e portas monumentais; Évora, a grande capital do Alto Alentejo e movimentado monumento nacional, com os seus velhos palácios; cruza a Estremadura; retorna para Lisboa. Depois das regiões do Centro de Portugal, dirigiu-se para o Norte, novamente na região do Douro, permanecendo, principalmente, na Cidade do Porto. Voltando ao Centro de Portugal, chegou a Coimbra, depois Algarve. Impressionou-se com Fátima! No Mosteiro de Belém, dito, também, dos Jerônimos, com direito a cicerone, simplesmente o diretor da Biblioteca da Ajuda, um dos eruditos portugueses, contempla o túmulo de Camões e o de Vasco da Gama; observa o São Rafael, companheiro de Vasco, na viagem para as Índias; visita o túmulo de Dom Sebastião, morto em Alcácer Quiber; o cardeal Dom Henrique, último de Avis; o claustro, a casa do Capítulo; os escritores, nos ângulos, Guerra Junqueira, Teófilo Braga, João de Deus e Almeida Garret e, isolado, ao centro,

Alexandre Herculano, seus conhecidos na Literatura; o cadeiral de coro, de madeira de bordo e as máscaras que representam navegantes.

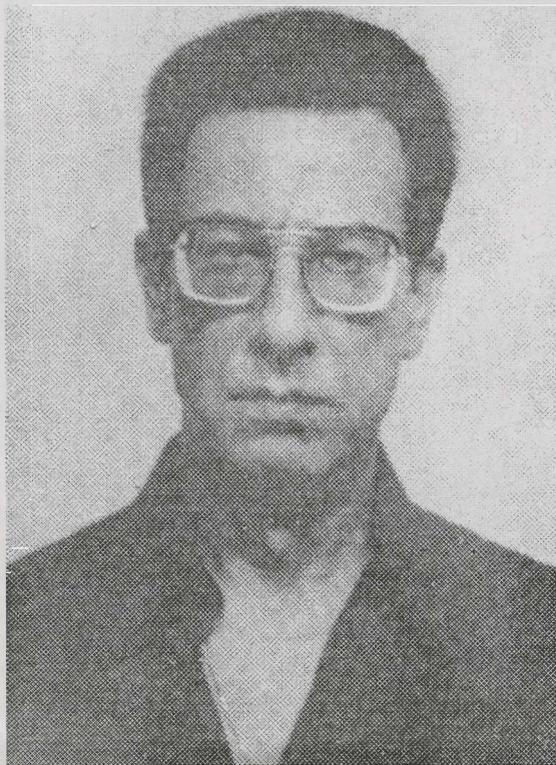
Auscultando a vida portuguesa, sobretudo nas manifestações etnográficas e observando “o riquíssimo e variado folclore português”, terminou por recolher elementos para os seus estudos, visitar amigos, estreitar laços de amizade, distribuir os seus trabalhos, publicar artigos em jornais e nos mais diversos órgãos de comunicação das terras portuguesas, proferir conferências, conceder entrevistas, conhecer as mais variadas instituições, voltadas, sobretudo, para o campo da Etnografia, do Folclore, da História, da Arte.

Se Câmara Cascudo impressionou-se com a cultura portuguesa, mais impressionados ficaram os jornalistas portugueses com o nível intelectual do maior folclorista brasileiro. Na reportagem “O Brasil, porta monumental da grande América”, Câmara Cascudo, é visto como “não apenas um folclorista insigne, mas um homem de vasto saber, em vários domínios, um intelectual que como poucos soube estruturar a sua cultura mantendo, no entanto, aquela liberdade de espírito necessária e indispensável para a vida da inteligência”, além de ter sido considerado, entre outras expressões, como “um dos eminentes etnólogos da pátria irmã”; “sem dúvida, uma das fortes personalidades da atualidade intelectual do Brasil”; “uma das mais proeminentes figuras da mentalidade luso-brasileira”; “uma das mais altas expressões mundiais no domínio do folclore e etnografia”.

## Presença de Franco Jasiello

Qualquer julgamento sobre o papel que o “alienígena” Franco Maria Jasiello ocupará na literatura norte-rio-grandense é prematuro. Mas desde já é previsível que o seu será um lugar honroso, findando por justificar a opção que fez de devotamento à nossa literatura. Lembremos que Jasiello “optou” pelas nossas letras, mas antes havia optado pelo Brasil, ou melhor, por sua geografia que atraía o jovem italiano com seus apelos de paraíso tropical (ver entrevista em O GALO, julho de 2001); poderia ter feito, portanto, uma opção diferente: regressar à Itália e integrar-se à sua tradição literária. Digamos, apenas, que essa opção foi sendo a pouco e pouco descartada por força de uma sucessão de circunstâncias que nos favoreceram. De fato, ter em nossa literatura um nome da magnitude de Franco Jasiello enriquece, sob múltiplas maneiras, qualquer literatura. Que dirá a nossa, que mal pode dizer-se centenária, quando outras se arvoram de milenares!

De fato, seja como o esteta de *Linguagem e História da Arte*, disciplina que minis-



trou na nossa universidade federal e titula de uma obra que publicou em 1982, seja como o erudito que traduziu para o português a poesia grega em *Permanência poética dos Líricos Gregos*, anotando detalhes sobre cada poeta, comentando cada poema, tecendo considerações sobre sua etimologia; seja como o ensaísta que apresentou em segunda edição a obra *Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil*, de Câmara Cascudo, seja ainda como o poeta sensível que se

revelou em várias obras, a começar por *Os Amigos do Sangue Noturno*, e a última das quais, intitulada *Anatomia da Ausência/Anamotia dell'Assenza* (edição bilíngüe português-italiana do próprio autor), foi prêmio Otoniel Menezes de 1984, mas só ganhou forma de livro em 2001.

Se a pátria confundesse com a língua, como no verso pessoano, Franco Jasiello fez sua opção pela língua portuguesa, à maneira que os exilados (por escolha e por destino) costumam fazê-lo. Na maturidade, reconciliou-se com a língua dos seus ancestrais e produziu esse testamento poético bivalve – perdoem: bilíngüe –, que fala de anatomia e de ausência, de vestes que encerram versos, de versos que invadem intimidades e relevos da mulher, de palavras que são, na verdade, poesia porque um poeta as conduz. É certo que esse poeta já é ausência, mas sua obra é uma presença agora definitivamente incorporada às nossas letras.

Nelson Patriota

Uma história de luta e coragem

vereadora  
**SorayaPT**  
Godeiro  
**13121**

www.sorayagodeiro.can.br

**Sebo Amorim**

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN  
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

## Nordeste ontem e hoje

O livro motivo do título acima, coletânea de assuntos do Nordeste brasileiro, traz em seu conteúdo um dicionário de expressões sertanejas, com 986 verbetes, fala da filosofia popular, de comparações matutas, silva de ditados e apelidos sertanejos.

Da Filosofia popular extraímos os seguintes adágios: “Quem se mete a redentor acaba crucificado”, “Sogra, sogro, milho e feijão, só dão lucro debaixo do chão”.

De comparações matutas tiramos essas frases: “Valente que nem cobra de resguardo” “Malcriado que só rapariga de soldado em portão de feira” e “Andar depressa como quem vai tirar o pai da força”.

Em apelidos sertanejos, as frases: “Venta de telha emborcada – quem tem narinas dilatadas”, “Perna de bater banha – que arrasta uma perna, a qual é mole”, “Desertor de cemitério – que tem aspecto cadavérico” a “Cambito de sabiá – quem tem pernas longas e finas”.

Na segunda parte, aproveitamos texto de Euclides da Cunha, com sua memorável narrativa sobre seca, o martírio secular da terra, as caatingas, o umbuzeiro, o juazeiro, o vaqueiro, fatores históricos da religião mestiça, Os Serenos, que “em procura de flagícios a si duramente impostos, assistiam a missionários profetizando o fim do mundo próximo por Deus estar farto dos desmandos da terra. E estes desvairados iam pelos sertões afora esmolando, chorando, rezando, numa mandria deprimente, e como a caridade pública não os podia satisfazer a



todos, acabavam roubando e matando”.

A parte final do livro traz alguns episódios marcantes da vida de quatro famosos cangaceiros: “Sete Orelhas”, Um bandoleiro que atuou em fins do século XVIII e início do XIX, nascido em São Paulo e residente em Minas Gerais, levou doze anos em busca de vingar a morte de seu irmão assassinado por sete indivíduos, indo eliminar o último deles no Rio Grande do Sul. Segundo Gustavo Barroso, “Sete Orelhas” foi um dos mais terríveis facínoras do nosso interior e a sua fama enchia a todos de terror.

Antonio Thomaz, paraibano residente em Jardim CE, indo resgatar em Quixeramobim um seu escravo acusado de assassinar um

jovem rapaz, travando renhida luta contra a polícia vindo a morrer em consequência disso.

Jesuíno Brilhante, o bandido romântico, que durante os anos de 1871 a 1879 fez sua saga de vingança, enfrentando a polícia e inimigos poderosos da política de sua região.

Na parte final, narramos a atividade do cangaceiro Lampião, que tendo invadido o Rio Grande do Norte em 10 de junho de 1927 pelo Município de Luiz Gomes, em companhia de Massilon e Sabino Gomes, chegariam a Mossoró no dia 13, sendo recebido por forte resistência armada, não conseguindo seus intentos e retirando-se debaixo de perseguição, saindo à procura de coito no Ceará, onde sofreu sérios reveses, vivendo ali até meados de 1928, quando decidiu caminhar em direção à Paraíba e Pernambuco, indo atravessar o Rio São Francisco na altura de Rodelas, se fixando no raso da Catarina, Bahia, de onde continuava suas vinganças e assaltos aos Estados de Sergipe e Alagoas, vindo a ser morto em 24 de julho de 1938.

Nordeste Ontem e Hoje (Palavras, Expressões, Secas e Cangaço), de Duarte da Costa e Juracy Pinheiro, capa de Reynaldo Azevedo, supervisão editorial de Assis Almeida, redator da orelha, em sua primeira edição, pode ser adquirido na Poty Livros, na AS Livros, Livraria do Campo, Restaurante Mangai e Sebos de Natal. Editora Premium – Livro Técnico.

Duarte da Costa



Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05 - Lagoa Nova  
Natal/RN - Fone:206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6 - Natal/RN  
Fone:206-9099

# AS LIVROS



*A rua do Vai Quem Quer, atual rua Mossoró, era um logradouro tranquilo do bairro do Tirol, no início do século passado.*



*O* Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, inaugurou no dia 01.07.2004, a Casa de Cultura Popular - Palácio do Minerador - no município de Currais Novos.

*Localizada na praça Cristo Rey, na antiga residência do ex-prefeito Gilberto Lins, o prédio abriga um auditório, pinacoteca, espaço cultural e salas para oficinas de teatro, dança e música.*